

O *mal* que habita em mim

“Este livro será um marco
para muitos crentes.”

J.I. Packer

4ª EDIÇÃO

O MAL QUE

HABITA

EM MIM

UMA CONVERSA FRANCA
SOBRE O PODER E A
DERROTA DO PECADO

KRIS LUNDGAARD



*Para Nicholas,
meu filho,
para a vitória!*

Sumário

Prefácio 09

Agradecimentos 11

Parte Um: O poder do pecado no que ele é

1 *Com o mal ao meu lado* 15

2 *O longo braço da lei* 23

3 *A casa mal-assombrada* 29

4 *Diferenças irreconciliáveis* 37

Parte Dois: O poder do pecado em como ele age

5 *Os truques do negócio* 45

6 *Sentindo fortes emoções* 53

7 *Mente operosa* 61

Apêndice: Amando a Deus com toda a sua mente 69

8 *Fisgado* 79

9 *Concepção maculada* 87

Parte Três: O poder do pecado no que ele faz

10 *Deslizando sem controle* 97

Parte Quatro: Pregando a tampa do caixão do pecado

11	<i>Um transplante de medula</i>	111
12	<i>Paz difícil</i>	117
13	<i>Fé letal</i>	125
	<i>Notas</i>	135

Prefácio

“Se Deus me redimiu do pecado, e me deu seu Santo Espírito para me santificar e me dar forças contra o pecado, porque eu continuo a pecar?” Essa pergunta vinha me atormentado ao longo de toda a minha vida de fé. Nos meus momentos de depressão ela tem trazido desespero; ela até mesmo nublou os limites das minhas fases mais brilhantes.

No último verão, o de 1996, eu casualmente tropecei em alguma coisa útil, algo que me deu esperança. O nome John Owen martelava nos meus ouvidos há anos, especialmente quando eu lia os livros de J. I. Packer.¹ Eu fugia de Owen porque sabia, por algumas incursões em seus livros no seminário, que a caminhada seria lenta e difícil. Mas quando a impotência do meu sacrifício ficou totalmente clara para mim, todos os obstáculos foram superados, e eu peguei meu exemplar empoeirado do *Nature, Power, Deceit and Prevalency of the Reminders of Indwelling Sin in Believers* [A natureza, o poder, o engano e o domínio dos resíduos do pecado que habita no crente].²

Durante algumas semanas seguidas eu abri caminho pela cansativa sintaxe e pelo antiquado vocabulário de Owen, levando uma hora para ler oito ou dez páginas. Eu lia cada sentença duas, três ou quatro vezes, procurando cada referência na Bíblia, gastando o polegar no dicionário para encontrar “aversation” e “inadvertency,” e sublinhando 80 por cento do que eu lia. Para a minha mente, foi como o cansativo trabalho de cavar em uma mina com uma picareta. Mas havia ouro ao longo do caminho – não apenas um punhado de pó, mas o veio principal cheio de pepitas.

O ouro que eu encontrei foi a esperança, o renovado amor por Cristo e um acesso à santidade pela fé nele. Ao longo do caminho fiquei com o estômago revirado por causa do meu pecado; no entanto, de algum modo ainda levantei os olhos

para a cruz buscando libertação. Quando terminei *Indwelling Sin*, não perdi um momento, mas comecei a escavar em *The Mortification of Sin* [A mortificação do pecado]. Então, o modo pelo qual eu olhava para a santidade estava mudando, e eu acreditava que pela graça de Deus, olhando para a face de Cristo para ver a sua glória, eu poderia resistir ao pecado a ponto de derramar meu sangue (Hb 12.1-4).

Meu coração quer compartilhar essa esperança. Vezes seguidas em pequenos grupos e em conversas de discipulado ouço minha própria pergunta angustiada (“Por que eu ainda peço?”) dos lábios de amigos. Eu sei que a exposição das Escrituras feita por John Owen é exatamente o que todos nós precisamos ouvir. Mas sei também que poucos jamais se darão ao trabalho de abrir caminho através de sua prosa elaborada, não importa o quão apaixonadamente eu o recomende. A viagem de volta ao século 17 é longa demais. Portanto decidi trazer Owen para o século 21.

Sequestrei Owen. Pela força eu o tornei meu coautor, e juntos escrevemos um novo livro. Ele contribuiu com sua preciosa exposição, as linhas gerais, os argumentos e as ilustrações e eu devolvi a ele histórias de transplantes de medula e cirurgias cardíacas, e tentei trazer sua profunda compreensão da Bíblia para o nosso mundo. Não abreviei simplesmente a sua obra, como outros já fizeram.³ No entanto, qualquer pessoa que o conheça bem, veria o seu fantasma assombrando o meu trabalho.

Meu objetivo pode ser expresso em uma irretocável frase do final do prefácio de Owen para *The Mortification of Sin*: Espero com sinceridade, que o desejo do meu coração para Deus, e o principal desígnio da minha vida no lugar em que a providência de Deus me colocou, sejam que a mortificação e a santidade universal possam ser promovidas nos corações e nas maneiras dos outros, para a glória de Deus; para que assim o evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo possa ser adornado em todas as coisas: para o alcance desse fim, se esse pequeno discurso... for útil em alguma coisa ao menor dos santos, será visto como uma resposta às débeis orações com que é assistido por esse indigno autor,

Kris Lundgaard

Agradecimentos

Este livro é mais claro do que teria sido graças aos porquinhos-da-índia Eric Hoxworth, James Lines, Randy Scott, Geof Smith, o grupo de jovens formandos da University Presbyterian Church, e uma classe paciente de educação de adultos (Brea Smith, Mark e Pam Pflieger, Ed Emerick, Scott Horne, Ed e Patty Hughs, Charlene Hoskins, David Smith e Johnnie Coble).

Paula Lundgaard, Charlene Hoskins, Ed e Patty Hughs leram e refletiram, criticaram e encorajaram. O dr. Ed Hoskins esclareceu e corrigiu minhas ilustrações médicas. (Eu não podia usar as histórias médicas do século 17 de John Owen porque eu não sabia o que são bílis e humores.) O pastor titular John Pickett discutiu comigo sobre santificação até que ambos soubéssemos melhor sobre o que estávamos falando.

O editor Thom Notaro da P&R leu minuciosamente o manuscrito, aprimorando-o, enquanto Barbara Lerch forneceu vivos encorajamentos.

Mesmo não me conhecendo, J. I. Packer leva o crédito por ter me apresentado a Owen em sua aula sobre os puritanos ingleses no Reformed Theological Seminary, e por meio de suas frequentes exposições de Owen em seus livros.

Se John Owen estivesse vivo, seria tentado a me processar, pelo tanto que eu roubei de seu material. Vou me desculpar com ele e agradecer-lhe quando o vir na glória.

Todos nós trabalhamos juntos *solí Deo gloria*.

Parte Um
O poder do pecado no que ele é

*Encontramos o inimigo,
o qual somos nós mesmos.*
(Pogo)

Com o mal ao meu lado

*Deus me fortalece para que eu possa me manter;
O maior peso de todos carregar,
O inalienável peso da preocupação.*

Christina Rossetti

Eu também me sinto do mesmo modo

Tudo que eu queria era surpreender minha mulher.

Desde que tínhamos nos mudado para a nossa nova casa, há quase um ano, o puxador da porta da geladeira estava do lado errado. Eu havia protelado a substituição por ser desajeitado com coisas mecânicas. Mas nessa tarde de quinta-feira, enquanto minha mulher estava no trabalho, eu decidi me redimir e acertar o que estivesse errado.

Eu estava na metade do trabalho. Tinha levado a geladeira e o *freezer* para fora e queria levá-los de volta logo para que nada se estragasse. Estava no passo importante de mudar as dobradiças do lado direito da geladeira para o lado esquerdo, quando me dei conta de que cada dobradiça era apertada por dois parafusos estriados. Dois simples parafusos estriados. Existe apenas uma ferramenta no universo que pode (com segurança) soltar um parafuso estriado: uma chave estriada.

Eu não tinha uma chave estriada.

Nessa altura, meus três meninos decidiram pôr em andamento o espetáculo itinerante de rivalidade fraterna no

meio do meu problema. Eu perdi a razão. E descontei neles, ainda que não o merecessem. Eles arregalaram os olhos como se eu fosse um monstro da Alfa Centauro, enquanto eu delirava numa língua desconhecida.

No meio de um ataque de cólera tive uma experiência extracorpórea. Vi minha face distorcida e vermelha gritando para os meus encantadores meninos e soube imediatamente que eu estava fazendo alguma coisa horrível. Então parei e pedi desculpas a eles, certo? Errado. Algo estava me controlando – como se algum estranho tivesse invadido meu corpo e me forçasse a fazer a vontade dele. Foi bem depois de eles terem fugido da minha raiva que recobrei a minha sanidade e a minha consciência e me humilhei perante eles com pedidos de desculpas.

Em seguida passei diversos dias me sentindo como um cachorrinho que tivesse apanhado. Seria eu na realidade aquele perverso? Como pude ferir meus filhos daquela maneira? O mal que eu havia feito seria irreparável? Eles me perdoariam? Deus me perdoaria?

Alguma coisa assim já aconteceu com você?

Quando leio Romanos 7, eu me sinto consolado porque Paulo se sentiu do mesmo modo.¹ Ele me ajuda a entender minha loucura e me dá alguns termos teológicos substanciais para isso: “lei do pecado” (Rm 7.23), “esse corpo da morte” (v. 24), “minha natureza pecadora” (“minha carne” em muitas traduções, v. 18), “o pecado que habita em mim” (v. 17), simplesmente “pecado” (v. 11) e “a lei do pecado e da morte” (8.2). Os teólogos gostam de chamar isso de “o pecado que habita em nós”.² De qualquer modo que o chamemos, ele é um inimigo de Deus e da nossa alma.³ A razão para este livro é que o primeiro passo para combater esse inimigo é conhecê-lo – e conhecê-lo bem.

O fundamento do nosso conhecimento do poder do pecado que habita na vida do crente está assentado na própria

experiência de Paulo. Ele abriu caminho com luta até, por vezes, ser quase derrotado nas cordas, clamando à beira da derrota (Rm 7.23-24). Ainda assim, quando soava o gongo, ele levantava-se com seus pés no pescoço do seu inimigo e erguia a mão para receber a coroa da justiça (2Tm 4.7-8).

Quatro verdades-chave

Se quisermos compartilhar da vitória sobre a carne sangrenta, teremos de seguir Paulo até dentro da luta. E quando o fizermos, descobriremos as mesmas quatro verdades que o humilharam na batalha, todas expressas num versículo:

Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim (Rm 7. 21).

1. O fato de o pecado habitar em nós é uma “lei”. A “lei” a que Paulo se refere é a mesma coisa que ele chama de “pecado que habita em mim” nos versículos 20 e 23. É sobre esse pecado residente que nós estamos falando. Por que chamá-lo de *lei*?

Paulo usa “lei” como uma metáfora. Ele precisa de um modo para expressar o poder, a autoridade, a limitação e o controle que o pecado exerce na nossa vida, e toma “lei” com um toque de ironia. Antes, no início do capítulo, ele havia escrito sobre a lei *de Deus*, que deveria governar a nossa vida, ainda que a lei do pecado pareça vencer muitas batalhas no corpo a corpo. Poderia ele ter escolhido um contraste mais maravilhoso para desmascarar as forças mortais do pecado?

Medita sobre a metáfora da lei por um minuto. Nós podemos pensar sobre ela de um lado como uma regra moral que nos orienta e nos manda fazer o que ela requer (“Honra teu pai e tua mãe”) ou não fazer o que ela proíbe (“Não matarás”). Mais do que isso, uma lei que nos leva a obedecer com ofertas de recompensa (“para que se prolonguem